

Série PANORAMA DO PIANO BRASILEIRO

11º Concerto

ANTÔNIO GUEDES BARBOSA

4ª feira, 18/08, às 21 horas

MOZART

- Sonata em Dó Maior, K 330.
- Allegro moderato
- Andante cantabile
- Allegretto

CHOPIN

- Polonaise op. 26 nº 1
- Polonaise op. 26 nº 2
- Polonaise - Fantasia op. 61

Intervalo

SCHUBERT-LISZT

- 7 Canções
- Du bist die Ruh
- Gretchen am Spinnrad
- Frühlingsglaube
- Die Forelle
- Auf dem Wasser zu singen
- Ave Maria
- Der Erlkönig

*Para o Professor Hogenio de
Hauca
com grande abraço,
a amizade de
Antonio Barbosa*

MOZART: SONATA EM DÓ MAIOR, K 330

Gênio culminante do classicismo, é Mozart dos mestres mais difíceis, talvez até o mais difícil de ser convenientemente executado. Ao mesmo tempo, ele se mostra capaz: de entrar em contacto, imediato e fecundo, com as sensibilidades adolescentes, com os jovens que despertam para a música.

Pode-se intitulá-lo de "alfa e ômega" do músico. Ele será então de fato o grande iniciador, o músico que empresta uma vida intensa, um encanto penetrante, aos mais simples motivos musicais. A qualidade transfiguradora, verdadeiramente feérica, do seu gênio, se exerce, por exemplo, na Sonata que ouviremos, em Dó Maior. Os desenhos mais elementares, como os que existem nessa obra-prima, adquirem o dom do canto, quando Mozart os dispõe na pauta. Por essa via, antes mesmo que o ouvinte se dê conta do que seja a forma de uma obra de música, antes mesmo que intervenha a noção de que a música reflete determinado sentimento ou estado emocional, mas dentro da estrita pureza do agente sonoro, Mozart se faz, por excelência, o revelador da música, aos que dela se aproximam.

A pureza, a transparência, a impressão de delicadeza inocente, que nos ficam dos contactos com Mozart, a exemplo da Sonata que ouviremos — prazer musical particularmente agudo e sem mistura — são, no entanto, virtudes que recobrem outras, das mais aptas a corresponder às solicitações dos ouvintes e dos músicos maduros. Ao invés da simples elegância superficial, da amabilidade rococó, deparamos a profundidade, a amplitude, o infinito do coração humano, o sentimento trágico da vida e a projecção profética. Mozart é também, além de figura central da idade clássica, o profeta do romantismo. Na Sonata em Dó Maior, K 330, cujos três movimentos são: *Allegro moderato*, *Andante cantabile* e *Allegretto*, o *Andante*, em Fá Maior, tem uma parte central, em Fá menor, de bastante densidade romântica, resultando de efeito encantador a volta do maior.

CHOPIN: DUAS POLONAISES E POLONAISE-FANTASIE

Vale a pena, como faz o nosso grande pianista jovem Antônio Barbosa, unir Mozart a Chopin, porque Chopin adorava Mozart. Mas à universalidade dos clássicos se opõe o individualismo romântico. Ao contrário do que sucede com os clássicos, o puro romântico particulariza. Só o seu drama pessoal é que conta e ele sente que esse drama pode tornar-se a fonte enriquecedora da arte. Quanto mais, pela introspecção se concentra no seu ego, mais progride romântico na descoberta de novos elementos. Ormais que, no caso de Chopin, perfazem, por exemplo, além da invenção melódica sublime, um tecido harmônico de subtileza apta a exprimir todas as variações dos estados de alma. Ao invés da generalização emocional a que se propunha o artista clássico há um absoluto egocentrismo e então ocorre o fenômeno de que o ouvinte não recebe essa música como mensagem dirigida a todos, mas identifica o seu caso particular humano com o do músico criador,

reconhecendo que na própria desgraça pode haver, pela magia da arte, um encanto profundo, o que equivale a formular as penas e, ao mesmo tempo, aliviá-las. Fenômeno que às vezes não vai, no artista romântico, sem a hipertrofia dos próprios pesares.

Nacionalista, ligado apaixonadamente à Polônia, pela acendrada nostalgia do exílio e individualista, cuja introversão se cultiva na obra criadora, é Chopin uma personalidade verdadeiramente específica do Romantismo. A *Polonaise* — com o nome assim mesmo em francês — é dança nacional da Polônia, e Liszt a descreve, no seu livro sobre Chopin, sugerindo que ela se dançava nos salões aristocráticos, às vésperas de batalhas. As *Polonaises* Op. 26 n° 1, em Dó sustenido menor, e n° 2, em Mi bemol menor, são duas obras relativamente curtas, as duas primeiras da série, e tem o seu garbo marcial acentuado pela rítmica vincada. A *Polonaise-Fantaisie*, Op. 61, em Lá bemol Maior, é uma obra de fôlego, que caprichosamente principia por quatro linhas de recitativo.

SCHUBERT-LISZT: 7 CANÇÕES

Quando morreu Mozart, em dia de chuva, ninguém foi acompanhá-lo ao cemitério. Quando morreu Beethoven, fizeram-lhe, na mesma Viena, um enterro digno, verdadeiramente, de um grande da terra. No cortejo se encontrava um jovem e bastante obscuro músico vienense, chamado Franz Schubert. Iria morrer no ano seguinte, 1828, e repousar em tumba bem próxima à do mestre, que adorava. Nunca teve coragem de se aproximar de Beethoven. Indagava Schubert: "Que fazer, depois de Beethoven?"

Ele não foi, estilisticamente, um sucessor do mestre seu contemporâneo. Fez obra própria, repetindo, nos seus trinta e um anos de vida, a miraculosa prolificidade de Mozart. Dos grandes mestres que constituem a escola vienense é o único nascido em Viena. E constitui, antes de tudo, o marco principal do *Lied* germânico, transpondo a poesia alemã para o plano da canção de câmara.

É especialmente nos *Lieder* que o gênio de Schubert resplandece. Duas das canções, transcritas por Liszt, que Antônio Barbosa executa, são das mais características. Já aos dezessete anos tem Schubert o rasgo potente de *Margarida na roca (Gretchen am Spinnrad)* do *Fausto*, de Goethe, o olímpico poeta que não acuse sequer o recebimento, pouco depois, de *Der Erlkönig*. Essas duas páginas, como tantas outras das seis centenas de canções de Schubert, definem um compromisso entre o cunho descritivo da música e a fixação de estados psicológicos, mas de maneira que se interpenetram, a tal ponto que podemos repetir: "a paisagem é um estado de alma."

"Le musicien le plus poète que jamais" — disse Liszt. E se o disse, provou o seu culto nas transcrições que, com seus fantásticos recursos, fez de Schubert. As páginas que ouviremos contêm as mais populares e belas melodias de Schubert: *Du bist die Ruh*, *Gretchen am Spinnrad*, *Frühlingsglaube*, *Die Forelle*, *Auf dem Wasser zu singen*, *Ave Maria* e *Der Erlkönig*. Esta última é a mais dramática das canções de Schubert, sobre a célebre Balada de Goethe.

A rosa é o símbolo da bondade, do amor e da compreensão



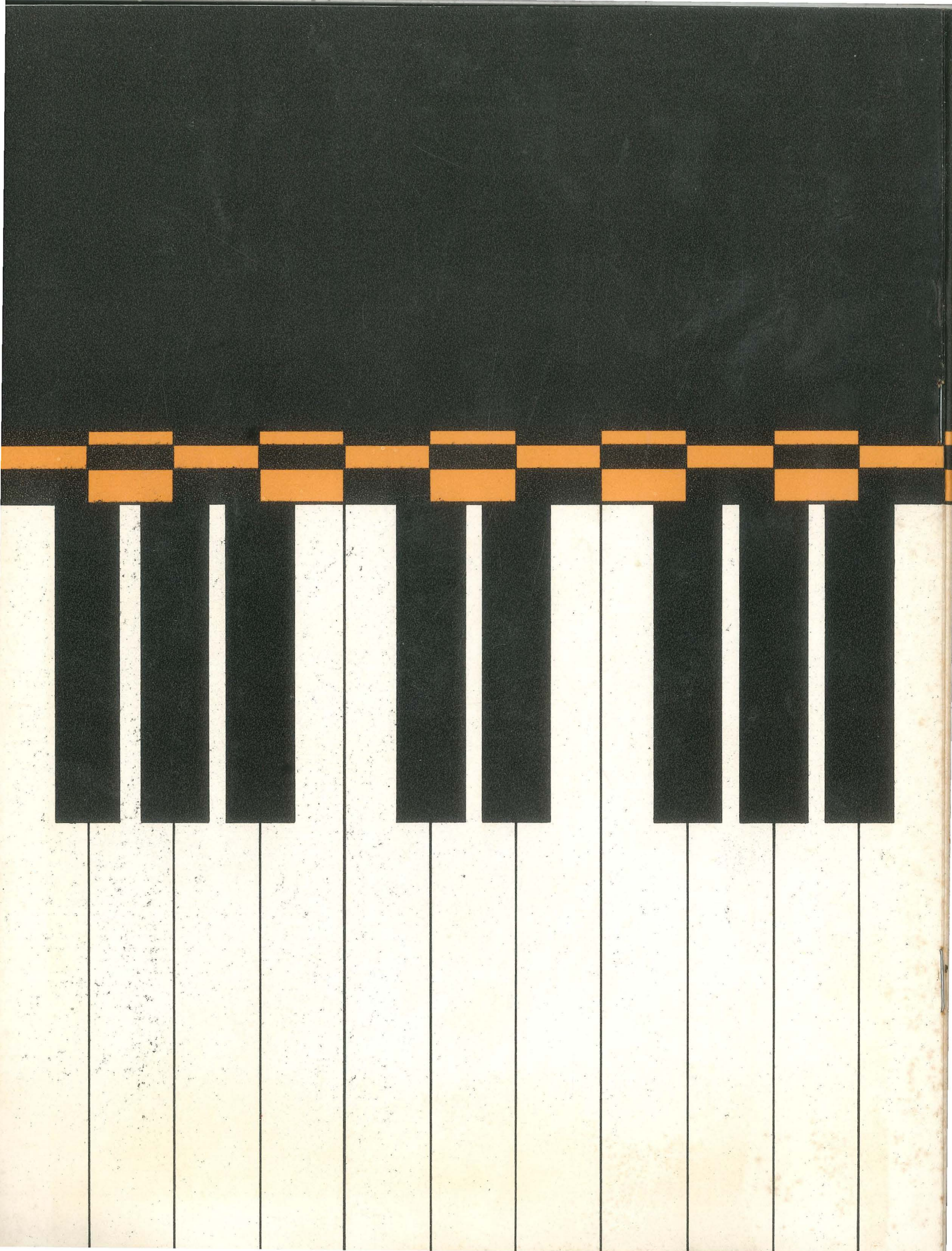
A Golden Cross é a proteção à família, a assistência no Brasil e no exterior e a liberdade de escolha de médico e hospital.



Golden Cross

ASSISTÊNCIA INTERNACIONAL DE SAÚDE

Rio de Janeiro - Av. Almirante Barroso, nº 91 - 8º andar - Tel.: 221-1175
São Paulo - Tels. 34-4899 - 36-6641 - Porto Alegre - Tels. 24-4945 - 24-9631 -
Brasília - Tels. 23-7171 - 23-7287 - Curitiba - Tels. 22-4021 - 22-9172 -
Blumenau - Tel. 22-0449 - Florianópolis - Tels. 22-4767 - 22-5247 - Friburgo -
Tel. 60-13 - Vitória - Tel. 35-955 - Petrópolis - Tel. 42-3888 - Belo Horizonte -
Tels. 226-8112 - 224-4233 - Salvador - Tel. 36-780 - Juiz de Fora - Tel. 212-
8740 - Pelotas - Tel. 2-4054 - Recife (Representante) - Tels. 24-6505 - 24-6701



fundação de teatros do estado do rio de janeiro

sala cecília meireles

PANORAMA DO PIANO BRASILEIRO

ACERVO
ALOYSIO DE ALENCAR PINTO

temporada oficial de concertos
1976

Ninguém merece começar a vida no escuro.

Um dia, a vida de estudante termina. Um diploma é entregue numa solenidade especial.

É uma ocasião que ninguém esquece.

Mas, a partir deste momento é que a vida vai começar de verdade. Acabou o estudante. Começa o profissional.

Está na hora de pensar em exercer a profissão.

Esse pensamento é comum a milhares de moças e rapazes que, de repente, se vêem disputando, entre si, um mercado de trabalho que precisa crescer para absorver a todos.

Esta é uma responsabilidade do progresso. E o progresso é responsabilidade de todos nós. Cada um, cidadão ou empresa, tem que concorrer para melhorar as condições de vida da comunidade.

De nossa parte, contribuimos com energia elétrica.

Estamos investindo bilhões, estamos empregando e movimentando milhares de pessoas e estamos mobilizando os mais modernos equipamentos para dar à região a que servimos a força de que ela precisa para crescer mais depressa.

Não é por coincidência que a Região Rio-São Paulo, servida pela Light, e que consome mais da metade da energia elétrica de todo o país, é justamente aquela que oferece maiores e melhores oportunidades de trabalho.

É dessa maneira que nós participamos da responsabilidade de garantir o futuro de milhares de moças e rapazes que despertam para a vida profissional.

Pense um pouco nisso, na próxima vez que você acender a luz para estudar.



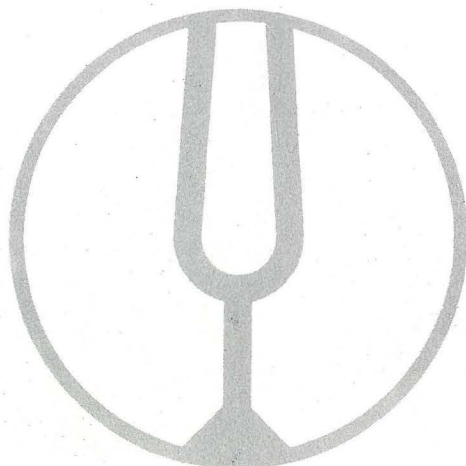
LIGHT



FUNDAÇÃO DE TEATROS DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO

Temporada Oficial de Concertos
1976

SALA CECÍLIA MEIRELES



Governador do Estado do Rio de Janeiro
FLORIANO PEIXOTO DE FARIA LIMA

Secretário de Educação e Cultura
MYRTHES DE LUCA WENZEL

Presidente da Fundação de Teatros do
Estado do Rio de Janeiro
ADOLFHO BLOCH

Diretor Executivo da Fundação de Teatros do
Estado do Rio de Janeiro
GERALDO MATHEUS TORLONI

Diretor da Sala Cecília Meireles
MYRIAM DAUELSBERG



ANTONIO BARBOSA, pianista

Antonio Barbosa iniciou os estudos de piano com Gazzzi de Sá. Prosseguiu com Arnaldo Estrella, de quem se fez, mais tarde, assistente.

Aos treze anos estreou como solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Eleazar de Carvalho. Em 1960, com dezesseis anos, foi premiado no Concurso Nacional de Piano da Bahia, mas logo depois afastou-se da carreira pianística e se dedicou ao ensino.

Completo sua formação universitária, e seus estudos de pós-graduação o qualificaram a ser membro do Corpo Diplomático Brasileiro. Mas em 1967 e 69 volta ao cenário da música e conquista, respectivamente, o 1º lugar no Concurso Nacional de Piano de Minas Gerais (Belo Horizonte) e no de Goiás (Goiânia). Segue no ano seguinte para os Estados Unidos, onde grava numerosos discos que obtêm o mais vivo sucesso.

As expressões da crítica norte-americana sobre Antonio Barbosa são das mais encomiásticas: "... Talento de proporções gigantescas. Técnica pianística fantástica..." (High Fidelity Magazine — New York, maio de 1971). "... A melhor gravação que consta do catálogo das Sonatas de Chopin, um dos melhores discos de piano dos últimos anos..." (The New Recorde — New York, julho de 1972). "Suas execuções projetam a música em uma dimensão nova e arrojada" (New York Times, outubro de 1972).

Os dois primeiros discos de Antonio Barbosa, receberam o prêmio "Melhor do Ano", de 1972, numa promoção da Comissão Nacional de Críticos de Música.

No Brasil, Antonio Barbosa tem sido louvado pela crítica como um dos maiores pianistas da nova geração. A carreira que faz fora do país não o deixa perder o contacto com nosso público, perante o qual todos os anos se apresenta.